

Nosso repórter visitou Ranquil, um dos acampamentos comunistas do Movimento de Izquierda Revolucionaria, MIR. Nesta reportagem está a organização e a vida de uma cidade coletiva

APRESENTAMOS UMA CIDADE COMUNISTA NO CHILE

TEXTO E FOTOS DE RICARDO SETTI
ENVIADO ESPECIAL

Milhares de barracos construídos de tábuas, papelão e lata sobre a terra preta e poeirenta, imundo cenário tendo por trás a majestosa moldura dos Andes. Duas mulheres mal vestidas estão postadas numa pequena elevação ao lado de um córrego poluído que acompanha o traçado de uma das ruas do bairro de La Granja, em Santiago do Chile. Uma delas tem um caderno na mão, e a ela se dirigem as pessoas que entram e saem do aglomerado de barracos. A outra, grávida, tem na cintura um casete. O visitante estrangeiro chega, ordena que ele pare. "Que queres, companheiro?" Estamos em Ranquil, um dos "acampamentos revolucionários" do Chile, uma das "comunidades marxistas" dirigidas pelo Movimento de Izquierda Revolucionaria do Chile, sede da "Junta Provincial Revolucionaria de los Desabrigados".

Ninguém entra ou sai do acampamento sem um salvo-conduto, um papel verde, carimbado e assinado pelo chefe do acampamento. Ninguém, muito menos a Polícia. O visitante estrangeiro conversa com as mulheres. Uma delas chama para perto um homem escuro, ar abatido e doentio por trás do sorriso amplo, ex-mineiro de cobre, atualmente sem ocupação definida. Depois de saber o que o visitante quer, desaparece dentro do acampamento. Volta com uma mulher magra e pálida, de calças compridas e blusa larga. Ela também conversa, e volta trazendo um jovem baixo, com blusão de nylon, enorme cabeleira crespa de baixo da boina azul. É o chefe do acampamento, chamado respeitosamente por todos de jefe. Ele autoriza a visita e acompanha o visitante.

Ranquil existe há dois meses e meio, e fica num terreno particular ao lado da igreja paroquial de La Granja. Moram lá mais de mil famílias que, juntamente com os outros acampamentos de La Unión, Roberto Zamora, Elmo Catalán, Magall Honorato, 26 de Enero e Inti Peredo constitui uma "comunidade revolucionária dos sem casa" de 20 mil pessoas. Em outros acampamentos "revolucionários" existentes no Chile, como os de Lenin e Tenente Merino, em Concepción, moram mais 30 mil chilenos. Além desses, há outros, onde é forte a influência do Partido Socialista e Comunista do Chile. "São acampamentos controlados pelos reformistas", explica o chefe do acampamento.

O primeiro acampamento "revolucionário" foi o 26 de Enero. Foi o ponto de partida de uma política de ocupação de terrenos para "exigir direitos dos trabalhadores". Os "sem casa" acusam o governo

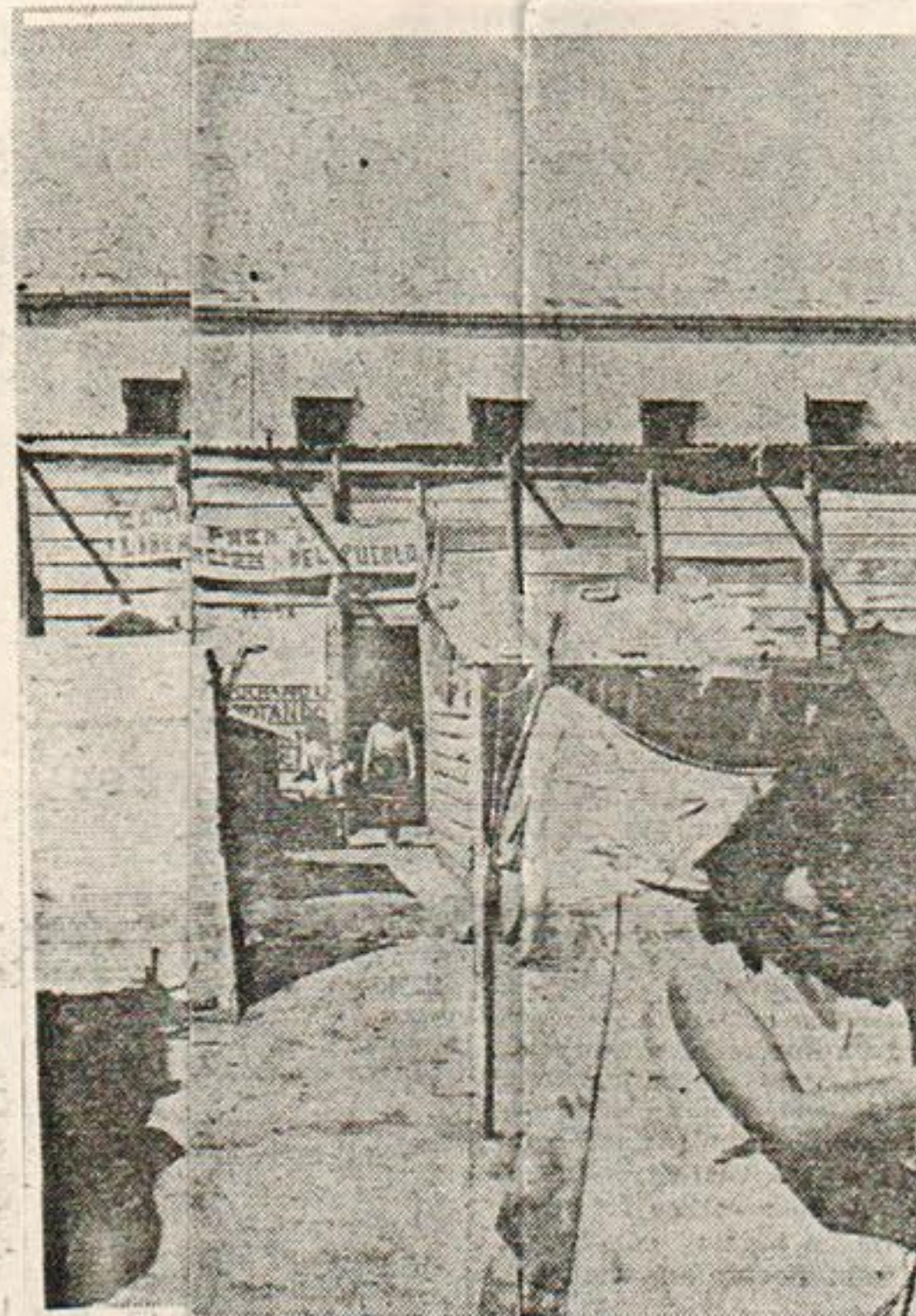
e a CORVI — órgão encarregado das habitações populares — de agir lentamente e de forma discriminatória, e acham que a força é o meio mais correto de alcançar seus objetivos. "Com as tomadas e os acampamentos, nós conseguimos legitimar o movimento revolucionário no Chile" — explica o jefe. Em Santiago, as tomadas são organizadas e planejadas previamente pela Jefatura Provincial Revolucionaria. "Nós tomamos a terra e depois exigimos, por isso nossa luta é diferente" — diz o jefe.

O governo poderia facilmente ter desalojado os "sem casa", inclusive em Ranquil. Mas eles escolheram bem a época das escaramuças — o período pré-eleitoral. Uma intervenção do governo nos acampamentos provocaria uma comoção de riscos imprevisíveis. Todos eles possuem "milícias populares", algumas com armamento que chega a submetralhadoras. São treinados e dispostos à luta. Os "sem casa" têm uma perspectiva favorável pela frente, agora: até o dia 24 de outubro a vitória de Allende continua pendente, e não convém a ninguém provocar conflitos armados. Se o Congresso eleger Allende, a situação melhora: o novo presidente não teria condições de fazer outra coisa senão atender às exigências dos "sem casa".

Os acampamentos como Ranquil têm uma férrea disciplina. O jogo, a bebida, as brigas e arruaças são terminantemente proibidos. Cada barraco é inspecionado periodicamente por membros da "milícia popular" para examinar as condições de higiene e fiscalizar o consumo de álcool. Todos no acampamento participam de reuniões diárias de doutrinação e discussão política. Os acampamentos têm Comitês Centrais que podem autorizar a falta a essas reuniões. Quem faltar a três reuniões seguidas sem autorização é expulso.

A "milícia popular" — que inclui mulheres — atua como polícia, inclusive investigando os crimes e irregularidades dentro do acampamento. Uma assembléia dos moradores julga os criminosos e faltosos. As condenações vão de trabalho extraordinário a "expulsão violenta" — em caso de roubo. Lá dentro, não existem a Constituição, as leis, a Polícia e a Justiça da República do Chile.

Além da "milícia popular", há outros organismos, tanto em Ranquil como nos demais acampamentos controlados pelo MIR. A milícia sanitária, por exemplo, que às vezes conta com a adesão de estudantes de Medicina, e recebe donativos de farmácias, hospitais e médicos par-



Quem tem uma casa num acampamento é obrigado a morar nela, quem ficar fora dois dias é despejado, e o que estiver na casa é distribuído entre os outros moradores do local.

Ninguém entra num acampamento sem salvo-conduto, as milícias que os guardam têm às vezes, até submetralhadoras, ninguém sai do acampamento sem o salvo-conduto, carimbado e assinado pelo chefe da comunidade. É uma organização marxista.

milícia dirige uma pequena e improvisada enfermaria que funciona também como farmácia e consultório médico, no meio do acampamento. Um médico trabalha de graça para atender os doentes. O acampamento fornece também "cursos sindicais" e "escolas de quadros", onde são formados militantes que têm uma dose surpreendente de conhecimentos da realidade política do Chile, da América Latina e do mundo. Um "sem casa" de Ranquil, por exemplo, chamado Nene, mostrou conhecer mais detalhes sobre o terrorismo no Brasil que a grande maioria dos brasileiros: citava nomes de organizações e de pessoas, datas, fatos e planos com uma facilidade espantosa.

A maioria dos "sem casa" de Ranquil não tem emprego ou ocupação fixa. Os que têm contribuem com somas de dinheiro para a caixa comum do acampamento. Um refeitório e uma cozinha comum servem aos que não dispõem de recursos — a maioria das famílias. Todas as tarefas e recursos são divididos igualmente. "Queremos mostrar de uma forma primitiva como se vive numa sociedade socialista" — explica o jefe.

Mas neste dia — uma das festas nacionais do Chile — muita gente bebe vinho branco e dança num grande galpão de madeira, no centro do acampamento: o Centro Social. O visitante também tem que beber vinho branco na garrafa. O jefe apressa-se a explicar: "Hoje se bebe porque é festa. Assim mesmo, ninguém tem o direito de perturbar a vida do acampamento".

Estar borracho é uma das faltas graves nos "acampamentos revolucionários". Numa das paredes do Centro Social — como aliás em vários outros lugares do acampamento — está fixado seu regulamento interno. O artigo 1, por exemplo, que trata de "peleas entre pobladores", dispõe que os moradores "não estão autorizados a fazer justiça em forma individual" e que qualquer problema deverá ser levado ao chefe do acampamento, que tomará as medidas necessárias. Se não se chega a um acordo, o assunto é levado à Assembléia Geral de moradores, que decide. O "companheiro" que incidir na falta sofrerá uma "admoestação pública" da Assembléia e, em caso de reincidência, "será simplesmente marginado del acampamento".

Outra falta é "comportamento irresponsável com a família", que poderá acarretar tarefas extras de cooperação, determinadas pelos chefes das "milícias", ou ex-

pução, em caso de reincidência. Também o "desasseio geral na habitação" é falta grave, e pode provocar uma admoestação pessoal do chefe do acampamento ou tarefas extras, bem como a "falta de cooperação no recolhimento de ajuda". Ainda são proibidos "todos os tipos de jogos de azar", devendo os moradores denunciar à chefia da "milícia popular" qualquer irregularidade. Os jogadores serão advertidos publicamente, e seu material será confiscado diante da Assembléia. Outras faltas são "negar-se injustificadamente a fazer guarda" e "abandonar a guarda". A segunda poderá provocar a expulsão do faltoso. O roubo é considerada falta muito grave, "es inadmisible e no tiene ninguna justificación. Por ello el ladrón será expulsado violentamente del acampamento por las milicias populares". O regulamento dispõe ainda que todas as pessoas que queiram manter casas no acampamento deverão alojarse nelas, "salvo motivo muy justificados ante el jefe del acampamento". A casa que permaneça dois dias seguidos sem a presença dos donos "será desmantelada y sus materiales confiscados y distribuidos por las milicias populares".

A situação de instabilidade dos "sem casa" parece ter melhorado com a vitória do socialista Salvador Allende para a presidência do Chile.

— Vocês estão satisfeitos com a vitória de Allende?

— A orientação oficial da nossa organização foi para que não se votasse nas eleições — diz o jefe. Mas não obrigamos ninguém, e muitos operários votaram no senhor Allende. De qualquer forma, pensamos que sua vitória é um passo no caminho do socialismo, representa um avanço.

O jefe continua:

— Nós divergimos dos métodos burocratas e corruptos dos reformistas. Eles somente têm objetivos imediatistas e reivindicatórios. Mas vamos defender a vitória de Allende porque é um passo à frente. Em todo caso, sabemos que ele terá de conciliar-se com os setores burgueses.

Depois de mostrar todo o acampamento para o visitante, apresentar seus auxiliares e colaboradores diretos, o jefe (escolhido por todos, por aclamação, "tendo em vista seu trabalho e sua dedicação à causa") se despede, depois de mostrar o acampamento num gesto largo e dizer:

— Acredito que nós aqui é que estamos, realmente, iniciando o socialismo no Chile.